

Revista anti-moderna, anti-liberal,
anti-democrática, anti-bol-
chevista e anti-bur-
guesa

ORDEM NOVA

Contra-
-revolucionária;
reaccionária; católica;
apostólica e romana; monár-
-quica; intolerante e intransi-
-gente; insolidária com escritores,
jornalistas e quaisquer profissionais
das letras, das artes e da imprensa

ANO 1.º

ABRIL

NÚM. 2

LISBOA

ORDEM NOVA

REVISTA MENSAL

Redactores fundadores :

Albano Pereira Dias de Magalhães
Marcello Caetano

Secretário e editor: *J. Fernandes Júnior*

REDACÇÃO: *Rua do Norte, 57 — COIMBRA*

ADMINISTRAÇÃO: *Largo do Directório, 8, 3.º — LISBOA*

Composição e impressão: *Imprensa Beleza—R. da Rosa, 99 a 107—LISBOA*

Propriedade de *José Fernandes Júnior*

SUMÁRIO

- O pesadelo de Gonçalo Ramires Pedro Theotónio Pereira
O reinado do «é preciso» A. Neves da Costa
A febre dos Messias José Luís da Silva Dias
Cristãos e Portugueses Albano Pereira Dias de Magalhães
Pensamentos, palavras & Obras: Um poeta cristão, Marcelo Caetano;
— A Falencia do Senhor dos Passos, M. C.;— O desporto, «Ma-
ravelha fatal da nossa idade», Ribeiro da Silva;— Uma vergonha
nacional, Ribeiro da Silva;— Os «Depositarios do tesouro dos po-
bres, M. C.;— Teatro religioso — O anti-fascismo do Sr. Proença
— Descendemos do Macaco? A. G. R.

O pesadelo de Gonçalo Ramires

No primeiro número desta revista, os seus leitores que não tivessem já lido o número de 15 de março da *Revue Universelle*, puderam notar uma referência a um artigo desta, por sinal bastante apreciável, assinado por um Mr. Chaminade e em que, a-propósito da desgraçada situação da França actual, se alude com terror e desgosto à possibilidade da pátria de Napoleão, o grande, e do sr. Herriot vir a acabar «*numa curiosidade histórica, qualquer coisa, como Portugal*».

Pondo de parte o que há de francês e de «boulevardier» na lamúria desdenhosa do aludido Sr. Chaminade, esta frase trás-nos ao estado de espirito inevitável de quem, dentro ou fóra do país, se põe a considerar na figura que fazemos aos olhos dos outros e a par dos outros.

Se sem passar fronteiras, mercê das facilidades da cultura moderna, se pode levar muito longe a nossa análise, uma vez postos os pés a pisar terra estrangeira, experimentam-se logo sensações estranhas e dolorosas que nos amachucam intimamente e a que de momento nem o velho patriotismo de dar ao gatilho do poeta Alencar, poderia resistir.

Não sei quem possa haver que não tenha experimentado esta impressão de acordar duma modorra, tantas vezes confirmada e repetida, quantas se apeie num país estrangeiro, longe das blagues de Chiado e da pedantice nacional contemporânea, a menos que se procurem plagas onde se use ainda a tanga. Rodeia-nos logo outro meio, a sugestão duma vida mais forte, feita de preocupações sérias, pontualidade, comodidade, facilidade, precisão,

rapidez ... Tudo se afigura tão diferente do que aqui se topa, como os costumes insólitos que Fernão Mendes Pinto veio revelar no seu século. As gavetas abrem e fecham por costume, a noção do tempo e das horas, de vaga que é, atinge um rigôr tirânico, as palavras acompanham-nos nessa concisão e já não são precisas tantas para explicar um recado; todos os objectos representam uma finalidade, um uso determinado e fixo: as torneiras deitam sempre água, as janelas vedam do ar e da chuva, as estradas servem para os veículos lhes rodarem por cima com mais comodidade e segurança que a eito pela variedade dos campos, as cadeias guardam os gatunos e indesejáveis, e nunca em tempo nem em país algum se encontra o ar simultâneamente desolado e scéptico com que nos respondem a-propósito das coisas mais inocentes, «isso não anda, está escangalhado há que tempos!», quando se pensa em subir num elevador ou a respeito dum camion de carreira, iniciativa rasgada que os órgãos da imprensa noticiaram com júbilo, «êsse morreu à nascença! ...»

Tudo o que envolva civilização, o óleo lubrificante do progresso, tudo o que cheire a novo, a bem-estar, a comodidade, a desembaraço, ao delicioso arranjo das coisas limpas, e bem arrumadas, aqui é, por enquanto, história para inglês vêr, imagem gémea, por muito que nos peze, do preto de colete e chapéu alto à porta da cubata.

Não se julgue agora que o autor destas linhas é um apaixonado dêsse mesmo progresso, um comtaminado pelo utilitarismo moderno, afeito às perfeições brutas da matéria, pelo contacto que tenha tido em duas ou três viagens, aliás fugitivas, por terras de gente mais civilizada.

Deus o livre de tal!. Ainda há poucos meses, numa estada mais longa em que deveres do officio o retiveram entre esforçadas raças do norte, teve êle inúmeras e dilatadas ocasiões de reviver no intimo do seu ser, o pesadelo de Gonçalo Mendes Ramires, gemendo o desconsôlo do presente para os avós reunidos à volta do leito ...

E porquê? Porquê a tristeza daquela pobre terra abandonada lá ao canto da Europa, tratada com indiferença e

quantas vezes desprezo por qualquer escrevinhador de jornal, confundida, escarnecida, esquecida, vaga «curiosidade histórica», como lhe chama Chaminade, ou «colónia inglesa» como é costume mimosearem-nos os franceses?

À pergunta ansiosa que do fundo do peito nos sobe, «Estaremos decadentes?» respondeu o cada vez mais saudoso Antonio Sardinha da maneira mais consoladora em «*A aliança peninsular*».

Êsse outro destino a que o pensador morto alude, fadando-nos para missões mais altas, abrindo à nossa alma lusiada a ânsia dos grandes horizontes, perfumando-a dum lirismo que deu flôres de graça sem par, êsse arrebatamento que fez de Portugal uma rajada de sonho e de glória que abraçou a terra, êsse sulco de ideal e de grandeza encontrado com alvoroço no que de nós ficou na lingua de povos distantes, descoberto com assombro em cada ruina heroica e em cada farrapo da alma portuguesa, inesperado e disperso, êsse eco profundo do nosso ser e grande como o clamor do mar, responde e conforta sempre a nossa ansiedade. É esse estranho calor moral, o sol interior das raças iluminadas, que hoje e sempre, aonde um português sofra a saúdade da pátria longínqua, se revela e comunica com perturbado assombro aos corações dos estrangeiros mais indiferentes. E quantas vezes, frias reservas, desdens propositados e certas ironias, terão sido abaladas e vencidas por homens dessa raça formidável que de contraditória em sonho com a aridez dos tempos modernos, parece mais lenda duma Grécia heroica que o Cristianismo houvesse baptisado.

O tipo do norte, germânico ou saxónico, é profundamente diferente sob qualquer ponto de vista do homem do sul da Europa, desse grupo de raças a que um hábito demasiadamente generalizador, deu em chamar latinas.

Deixando de lado as infindáveis observações que a êste respeito fácil seria encadear, desde a côr dos olhos ao feitio do pé, e do mutismo agressivo duns à exuberância verbal dos outros, uma característica curiosa, destas que se nos revelam sem exaustivos labores, étnicos ou fisiológi-

cos, separa, no entanto a psicologia do homem do norte da do homem do sul.

O primeiro, na sua natureza equilibrada, na tenacidade e na calma tranqüila do seu olhar claro, na propria robustez que o amarra ao trabalho, revive a parte de Marta, irmã de Lázaro. Nos povos do sul, mais ligeiros em seu aspecto, menos habéis para o labor das mãos, inclinados à concentração interior, descobre-se irresistivelmente aquela tendência para o que o Senhor chamou a parte de Maria.

E esta foi a que Cristo chamou a melhor parte...

A missão dos povos do norte é, porisso, mais feliz na terra. Êles mais fácilmente cumprem a sua função, ao ritmo despreocupado dos seus corações, e resignados a uns horizontes que sem serem de ordinário muito amplos, nem por isso lhes deixa da vida uma satisfação menor.

Por outro lado a civilização moderna, filha de concepções espirituais e morais muito diversas das nossas, auxilia-os prodigiosamente, criando-lhes mesmo como um meio próprio, aonde de começo o homem do sul se sente desastrado e incapaz, como peixe fóra de água.

Não admira pois que em principio certos povos em geral e nós em particular, apresentem sensíveis diferenças de nível no aspecto material dos nossos dias, desvios do figurino americano da civilização a que os turistas chamam atrazo e selvajaria.

Mas em principio... E em principio, porque passado o primeiro choque da civilização mecânica a que o mundo moderno se submeteu, nós corremos grave risco de não encontrar país algum em que o espirito sobreleve a matéria, para ficar comnôscos à borda do caminho caçando nas camas das estalagens de provincia, à luz da candeia mi-nhota...

De resto nós não nos abastardamos, nem renunciamos em nada às nobres aspirações da nossa raça se nos resolvermos civilizar um pouco, — ou seja, aprender a trabalhar, a regularizar a vida, introduzindo nela uma ordem nova e sã.

Tudo o que haja de bom nessa serena e forte parte de

Marta, nós teremos que procurar hoje nos povos que melhor no-la derem, para ajudar a retemperar o corpo e a alma, decaídos por muitas razões dos altos destinos em que andámos. De resto, só assim poderemos contrabalançar a influência péssima da civilização moderna que há mais dum século temos recebido, invariavelmente com o rótulo francês, e do francês pior...

As tendências profundas da nossa raça, a vocação apostólica que nos fez andar a semear nações para hoje recolhermos os sorrisos de desdem de certos semeadores de pés de burros internacionais, sofrem, como não podiam deixar de sofrer, o sopro gelado do moderno conceito da vida. A influência do absolutismo francês, pai da revolução e da impotência da França quando o vendaval sangrento se desencadeou, teve entre nós as mais desastradas conseqüências. Depois começou a farçada dos pedreiros livres, a epidemia das lojas e dos clubs secretos, as brochuras incendiárias filhas do olho vivo, ao mesmo tempo que o «mal francês» ia ajudando a envenenar o sangue do povo.

Com El-Rei D. Miguel, foi-se, realmente, o último resto de Portugal. Ficaram-nos então as sobrecasacas liberais, o hino da carta e os conselheiros. O país passou definitivamente a esperar o comboio de França.

Perdeu-se toda a originalidade, esquecemos toda a dignidade e toda a independência de espirito, renunciámos aos velhos direitos doutros tempos em que a França não só nos não desprezava mas antes nos falava com recato e modéstia.

A sabujice com que nos deixámos desnacionalisar e corromper por essa vaga de francesismo, o delirio com que torcemos a boca e a pronúncia para fingir que toda a nossa vida se tinha passado a dizer «blagues» vádias à esquina do Café da Paz, o servilismo com que nos tratámos de mudar por dentro e por fora, na alma e nos costumes, tudo isso que nos poz neste bonito estado é qualquer coisa que nos faz sofrer infinitamente quando o reflexo da nossa miséria se torna mais insistente. E que estragos profundos! Desde o figurino politico que é essa ignominia

sem nome dos nossos homens públicos, à mentalidade literária que, postas de parte as excepções honrosas, se resume a uma forma de vadiagem, desde a frivolidade imoral e a cabotinice que a influência do jornalismo e do teatro francês trouxeram ao nosso meio, ao grotesco e impudente relaxamento que os vários costureiros de Paris distribuem pelas mulheres de todas as classes, dando-lhes um aspecto de Marguerittes Gauthiers desprovidas daquelas altas e escondidas virtudes que renderam o Pai — Nobre Duval, todas as causas e os efeitos se sentem ligados, quanto nós nos sentimos por vezes perdidos e distantes dos grandes caminhos que Deus nos traçou...

Que admira que Mr. Chaminade aflicto com a baixa do franco nos calque, sofrendo a tendência natural da sua raça feminina e conflituosa?

«Quantité négligeable», «curiosité historique», «colonie anglaise», todos esses desdens serão bemvindos se conseguirem acordar-nos desta modorra, espicaçar o brio adormecido da gente que ora vive neste país.

Uma revolta profunda se tem de dar. Banho lustral que nos limpe das influências nefastas e nos ponha de novo entregues ao nosso destino e à nossa vocação. Haverá pessoas que no sub-título desta revista encontrem mais motivos para sorrir que um pensamento sério. Ele no entanto revela todo o programa duro que é preciso levar na vanguarda dos que quizerem reconquistar Portugal.

De contrario continuaremos nisto. Haverá sempre, como no outro dia na *Epoca* um papá de estudante, a alvitrar que o menino não vá para o liceu antes das 11 horas, — hora em que os primeiros burocratas aparecem no Terreiro do Paço cheio de sol e da claridade azul do rio.

E nos países distantes, nos países severos, onde a neve cobre os caminhos, e a noite é infindável, as crianças vão para a escola às sete e às oito enquanto em volta a vida triunfa da morte num trabalho que enrija e dá pão ao corpo e à alma...

PEDRO THEOTONIO PEREIRA

O reinado do “é preciso”

Neste reformar de paralíticos intelectuais em que andamos empenhados e que constitue por si o primeiro passo dum reviver de virtude rácca um aspecto interessante da vida nacional se impõe à nossa análise cáustica: — *o da acção.*

Acção negativa auxiliada, é certo, pelo clima e por um atavismo de longa degenerescência; mas, sobretudo, originada numa mentalidade liberalista onde a superstição substituiu a Religião e o fatalismo, o governo da Providência pela acção inteligente das causas segundas.

Acção desordenada ou intermitente própria de vontades dessordadas a jactos de ingredientes anti-sifiliticos, ou nascidas de inteligências nefelibáticas e românticas.

São estas as características da nossa actual dinâmica politica, religiosa e social.

Será porque os factos passam diante de nós numa frequência de todos os dias, que nos veiu o habito de os não considerar situações desastradas e desastrosas? Ou será porque o orgulho e a vaidade, tantas vezes exarcebadas pela vil ignorância, nos não deixam reparar num mal tornado comum e comunmente disfarçado?

Seja como fôr; o simples e essencial princípio de vida impõe-nos a *reacção* antes da *acção*.

Estamos, pois, aqui para reagir e amarrar ao pelourinho êstes lázaros postulentos ou enfatuados, colossal peso morto do nosso invencível movimento. E para maior e justo castigo da sua contumaz impetência, façamo-los desfilar diante da Nação, focando bem a sua infinita vaidade, a sua atrevida ignorância, o seu nauseabundo egoismo.

Acção política

Salão asiaticamente confortável; criados de libré introduzindo as visitas com rigoroso cerimonial. A scena pode ainda vassar-se numa modesta sala mobilada, segundo as exigências democráticas da época.

Neste caso o número de personagens diminui por motivos óbvios, mas os que ficam desforram-se ele-

vando ao infinito o volume da sua incomensurável vaidade.

Os chefes vão chegando, impando de importância. Desenham-se elegantes curvas de salamaleques de bom tom e ouvem-se ditos e anedoctas espirituosas próprias das grandes cerebrações.

Sobem ao ar perfumadas espirais de fumo, desfiadas de deliciosos havanos.

A maledicência e a intriga política, prato predilecto do português decadente, vai-se animando com as últimas novidades trazidas pelos recém-chegados.

E quando a pele do próximo já não fornece apreciável superfície de ataque, o presidente abre a sessão.

S. Ex.^a invoca a pessoa de El-Rei, dador de prebendas e honrarias e faz as seguintes comunicações ao comité: — Sua Magestade chamou-nos... Sua Magestade recebeu-nos... falámos com sua Magestade... e Sua Magestade ouviu-nos...

Nem todos os presentes levaram a bem o tom e a essência das afirmações feitas.

E as questões pessoais, ou rugem em gestos enérgicos, francos e leais, ou deslisam manhosamente em combinações maquiavélicas.

Cada cabeça cada sentença; ninguém se entende.

Numa legítima manifestação de espírito democrático, que lhes veio do berço, cada um quer impôr a sua opinião.

O presidente para refrescar calores, lembra o adversário comum; que a república é o regime de bandoleiros; que a bancarrota está por dias e que as colónias já estão perdidas... Mais uns *é preciso* bem condimentados e começa tudo a rufar no já bem frouxo tambôr da república...

E a certa altura todos, a uma voz, concluem que a queda da república está por dias, recordando-se as afirmações de autênticos republicanos; — «o país está a saque»; «a república tem sido um regime de bandoleiros», «tenho saudades dos tempos da Monarquia»...

E como nos devemos preparar... para receber das mãos do presidente da república, o mandato dos republicanos, concluem no meio de grande entusiasmo que os monárquicos devem ter esperança no futuro.

Porque afinal, esperar é viver...

E a reunião fecha com a leitura dum telegrama enviado a El-Rei afirmando a esperança inabalável em tão dedicados e activíssimos súbditos.

*

É assim que há bons 15 anos se arrasta a acção político directora da Causa.

Neste sonho indolente e egoista se tem vindo dissolver e inutili-

sar todas as energias novas e velhas. E não é à falta de elementos activos que continuamente teem engrossado as nossas hostes.

Quem desde a primeira hora tem acompanhado a reacção monárquica sabe que assim é, e assim continua a ser.

E com a agravante desses novos elementos nos trazerem fé mais raciocinada, mais ardente, mais forte.

A nada disto, providencialmente favorável, se tem correspondido do alto. Em vez de directivas firmes e concretizadas numa organização adoptada às necessidades, tem-se passado o tempo em conspiratas de salões, em doces e socegadas fantasias de monarquismo de representação.

Que nos digam, se podem, se alguém com honras, mas também com responsabilidades de mando e obedecendo a um bem urdido plano de conjunto, se lembrou, até hoje, de chamar os elementos mais activos e mais valiosos da Causa e de lhes distribuir um sector apropriado às suas qualidades.

Nunca isso se ouviu dizer porque nunca isso se fez. Se alguma coisa existe no campo puramente, politico, isso se deve à paixão política dum homem activo e entusiasta do género eleicoeiro, mas nunca que isso faça parte integrante dum plano geral do Estado Maior Monárquico.

Dificuldades — nos dizia Alguém um dia na prisão, — como se as dificuldades pudessem ser, na boca dum chefe, argumento justificativo de inacção.

Educados numa escola de águas mornas, a maioria dos dirigentes ainda não soube ou não quis adaptar-se a uma época de luta de princípios. E a sua mentalidade de ideólogos liberalistas, ainda não lhes permitiu deduzir desses princípios as normas duma eficaz acção prática.

Discursos de sessão solene, artigos de escândalo romântico, afirmações do mais abstracto lealismo monárquico, mas tudo palavras ôcas, estereis, inúteis.

Acção religiosa

Um escritório particular. Seis leigos católicos gravemente reunidos. Comité de acção: Um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e dois vogais.

Objecto da reunião; — em obediência aos seus legítimos superiores hierárquicos... ler a acta transacta e... redigir nova acta.

O presidente abre a sessão. Um dos presentes neo-convertido, cheio de fogo sagrado, pede a palavra e afirma que a Igreja é a maior força espiritual do mundo.

É preciso descer ao povo, afirma ainda com decisão, para restaurar tudo em Cristo. É preciso defender sempre e em toda a parte a nossa Mãe, a Santa Igreja e obedecer cegamente ao Santo Padre e aos seus legítimos representantes. É preciso obedecer, só obedecer e... *omnia facta sunt!*

Obedecer é tudo, o resto é nada!

O presidente toma a palavra e começa por afirmar que abunda nas mesmas ideias, reforçando com outros tantos *é preciso* os do orador precedente.

E a-propósito, faz uma resenha da influência da Religião nos povos, desde a criação do homem até nossos dias.

A certa altura, como do lado o secretário lhe segredasse que a hora ia adiantada, o presidente rematou todos os *«é preciso»* lembrando que Portugal é o país mais adiantado sob o ponto de vista religioso.

E anuncia ao Comité que tem boas razões de crêr que devido à intensa vitalidade católica portuguesa podemos esperar muito em breve a conversão em massa da Maçonaria e da Associação do Registo Civil, hoje, por assim dizer, inexistentes entre nós.

*

O mesmo verbalismo pretencioso, a mesma erudição inútil numa época ansiosa de acção pratica e de realizações utilitárias. Tem sido isto a nossa acção e organização religiosas.

O mesmo mal de todas as outras, — *a acção do discurso balôfo, a organização de comités no papel.*

Obedecer, sim; mas já alguém efectivando praticamente essa obediência, informou inteligente e exactamente os chefes das circunstâncias em que era preciso recrutar e formar elementos leigos para a execução dum plano de acção religiosa?

Onde estão essas obras, essas organizações, que sendo um desmentido às minhas impressões e afirmações, seriam um reforço sólido ao número tão diminuto do nosso clero?

Há, graças a Deus, um escol de almas femininas, que, sobretudo em Lisboa, trabalham no silêncio das grandes almas e das obras abençoadas.

Mas que tem feito esses comités de acção para auxiliar a lucta heroica da nossa tão heroica mulher portuguesa?!

Que se tem aí erguido em nome dum plano promenorizado, para fornecer a essas obreiras incansaveis e humildes, o fruto do seu saber organizador e a experiência da sua acção religiosa e social?

Conferencistas com trabalhos de caracter apologético ou de alto espirito literário que para essas virtuosas e práticas senhoras não são assuntos de primeira necessidade.

E a infância inocente e pura anda por aí a macular-se porque se não estudam as Obras infantis entre outras, as do Catecismo e a das Crèches.

E a juventude inexperiente e ingénua por aí correndo atrás de novidades perigosas que os sentidos em flôr lhe vão revelando, sem catecismo de perseverança, sem atraentes circulos de estudo, sem desportos cristãos, sem essas inumeras obras necessárias à absorpção da exuberância de vida nesta idade.

E o velho, pobre e sem forças arrasta por aí os últimos farrapos da vida, entregue à fome e ao alcool, sem protecção e sem preocupação de caridade dos que se dizem homens de acção.

Que tristeza nos invade a alma ao relancearmos os olhos para um passado que nós *não queremos* que continue!

Tristeza bem fundada naquele novo programa directorial duma agremiação católica consistindo única e simplesmente na sua divisão em *sócios activos e não activos!*

Difícil é saber neste caso, onde pára a ingenuidade e onde começa... outra coisa pior e mais digna de caridade.

Acção social

*Falta de actores e de scenário. Duas ou tres tabo-
letas com o titulo de «Circulo Católico de Operários».
Uns estatutos duma «Liga agrária de lavradores ca-
tólicos».*

Sobre este capítulo os elementos são tão escassos que os podemos considerar praticamente equivalentes a zero.

Nem ao menos temos a buzinar-nos aos ouvidos o sedição e pretencioso «é preciso.»

Nos nossos tempos do C. A. D. C. aindo se falava na Enciclica «Rerum Novarum» que na opinião de um dos ultimos Santos-Padres, é preciso recommençar a estudar, visto que até hoje se não compreendeu. Mas actualmente nem disso se houve já falar.

A *Familia* anarquisada, a *Escola* materialista e imoral, a *Oficina* e a *Lavoura* à mercê dos mais atrevidos, a besta de carga sustentando um mundo de parasitas.

Cada uma destas quatro células sociais daria para mais dum artigo. Falta-nos o tempo e o espaço por agora. O que, porém, afirmamos desde já é que não há renascimento possivel sem rodear essas células duma rede de obras que as orientem, as moralisem, as nacionalisem.

E de todas a mais decadente, a mais miserável, aquela que por ser a primeira, mais perigosa se torna na sua decadência, — é a *Familia*.

Há tempos dizia-nos um director de colégio apontando-nos um caso de imoralidade: — «Veja o que são as crianças de hoje!...»

Não, — lhes respondemos com energia, — vejamos o que são os pais de hoje. As crianças foram sempre as mesmas através de todos os tempos.

E apesar da anarquia da Família, nada temos a favor dela, nem mesmo sei se nisso pensamos.

Quanto à organização da *Oficina* e da *Lavoura* a situação é idêntica.

Se não fôra a tormenta maçónica desencadeada, os Circulos Católicos de Operários teriam hoje ocupado um papel preponderante na organização social católica. Hoje infelizmente não vivem, vegetam para aí numa modorra estéril, sem espirito progressivo, sem directivas novas exigidas por circunstâncias novas.

As duras lições da experiência actual, completadas por estudos recentes sôbre as antigas corporações cristãs, devem ser aproveitadas entre nós.

O espirito marxista tambem se infiltrou na acção social católica operária. Copiou-se a organização socialista, chegando-se a adoptar os mesmos termos e secundando-se na prática a mesma guerra de classes.

Duro castigo nos tem valido êsse desvio de doutrina.

O que vale aos conservadores em Portugal é não serem os únicos a possuir sciência de lombada, e a viver ao Deus dará. Republicanos e socialistas sofrem da mesma ignorância e da mesma falta de senso prático.

E todavia urge que tomemos a deanteira ; que se estude e se aplique o fruto desse estudo. Note-se, porém, notemo-lo bem todos, que a acção social não se faz com discursos, mas com *obras que visem directamente o interesse das massas*.

O papel dos Circulos de Estudo, por exemplo, obra tão necessária e tão difficil de organizar eficazmente, não deve ser o de formar oradores operários. Essa obra deve ter como fim único a criação duma mentalidade operária e com ela o estudo ordenado e metódico de obras criadas ou a criar.

Menos palavras, menos discursos, senhores dirigentes, e mais directivas práticas e mais obras.

A. NEVES DA COSTA

«Em guarda contra esmorecimentos: saibamos sempre o bem que queremos fazer, embora nem sempre saibamos o bem que fazemos.»

«Se por veses o resultado nos parecer medíocre e capaz de provocar desalentos, gritae sempre, que no dominio da acção há conquistas cuja revelação só a teremos no Céu.» — (*Georges Goyau*).

A fébre dos Messias

O português é antes um animal sensitivo do que um ser intelectual e, por isso, vive mais sob a influência das emoções e impressões momentâneas do que sob a conducta da inteligência no seu predomínio sobre os elementos sensíveis.

O actual português politico, pondo de parte algumas raras excepções, pertence a um dos tres grupos seguintes, segundo a natureza da emoção que o impéle no caminho politico. Temos, em primeiro logar, o videirinho, o que raciocina com premissas impóstas pelos *orgãos infradiafragmáticos* (termo este caçado a uma das pitorescas gramineas da *Seara Nova*), o que conhecendo, por um lado, o estado de decadência da actual sociedade e por outro lado os sofismas e preconceitos de que ela vive, se aproveita superiormente desses elementos para os coordenar com os seus appetites e para os utilizar em beneficio próprio.

Em segundo logar, temos a imensa legião dos que, sendo atacados pela acefalia, doença muito em voga nas democracias-modernas, são levados na senda politica unicamente pelo imperativo estomacal, como os animais inferiores que, privados de orgãos visuais e de sistema nervoso, se movem sob a influência atractiva da particula alimentar.

Em terceiro e último logar, temos o grupo dos inofensivos burguezes que formam o que em giria politica moderna se costuma chamar o elemento conservador. Este vive inteiramente do sentimento em matéria politica e, ou é monárquico por saudosismo, ou é republicano por teimosia, esperando sempre a república imaginada nos tempos da propaganda.

O conservador tem da ordem unicamente o conceito policial e, conhece só os efeitos da desordem, porque a sofre fisicamente no seu corpo e haveres, mas infelizmente não tem o conhecimento correlativo das causas que geram a desordem. Por isso o conservador é o homem que preconisa a politica de panos quentes e de papas de linhaça, de preferêcia a uma politica cirúrgica de bisturi, é o homem que barafusta sobre a situação actual e não dá um passo para sair dela porque não está orientado para isso e é o que berra contra os politicos e contra os ladrões que o exploram, mas que não sabe organizar-se para os escorraçar por falta de uma doutrina coesiva. Este bom burguez acredita em tudo que seja miras-tintas, tem horror ao que êle chama estúpidamente o extremismos e mal aparece no seu horisonte uma besta superior em

quantidade, logo salta de satisfação, chamando-lhe seu salvador, pondo-se de joelhos na sua frente, servindo-o e admirando-o babado de gôso.

E' principalmente esta fauna conservadora que cria e sustenta os *messias* que para aí aparecem e é destes e da febre messiânica que agora ataca a sociedade que eu quero falar... mas com duas pedras na mão, como diz o velho rifão.

*
* *
*

— Portugal é um alfôbre de messias — é uma terra de dentistas de feira que, tomando atitudes politicas, pretendem salvar a Pátria... *de graça*. Nós podíamos esportar messias, juntamente com os nossos vinhos e cortiças, pois êles são tantos que, mesmo postos à venda, ao preço de tres por dez centavos, num armazem da Baixa, não liquidariamos as grandes reservas que deles temos. Mas cada grupo tem o seu messias, cada um de nós espera do seu messias a salvação de tudo e, não há ninguém em Portugal, que não tenha esperado alguns momentos por um messias.

Da história não queremos tirar conclusões e assim andamos continuamente a tropeçar no mesmo êrro atrás do chefe, sem nos preocuparmos com as ideias que o movem e sem procurarmos examinar, se é exequível ou não o que êles nos prometem em frases empoladas como bolas de sabão. Hoje o Zé, amanhã o António, outro dia o etc... êles aparecem às duzias, às centenas, como os carapaus que são vendidos em Lisboa em dias de abundância. Os seus nomes são tantos como os das folhinhas, e a descrição dos seus feitos, infortúnios e ridicúlos, formava um verdadeiro *messialógio*.

Portugal pequeno país?... Oh! que ilusão, tão grandes são os homens que pretendem salva-lo, que vivem realmente, que nós conhecemos e em quem nós acreditamos pelo menos num momento de ilusão, tão virulenta é a infecção que ataca a sociedade politica.

O portuguez, em regra geral, aplica ao primeiro safardana que levanta a voz mais alto, os atributos que, no seu pensamento, possuirá o chefe que nos há-de levantar da piolheira democrática em que jazemos. Na sua febre messiânica, êle idealiza o chefe, diviniza o estúpido, faz andar o paralítico e o seu raciocinio não entra em jogo para lhe mostrar que veste de púrpura um manequim, que pretende ouvir falar como um *boca de oiro* um autêntico nulo e que coloca a valentia e a decisão num destrambelhado qualquer que só sabe ter arrogâncias em feiras e zaragatas, quando essa valentia nada é util à colectividade... Mas o conservador embriaga-se e narcotisa-se com adélicia de possuir um Chefe e esta delícia é só comparável à da mulher, que aos trinta anos procura um homem e encontra enfim o seu homem.

Com o decorrer dos tempos as muitas ilusões juntas, como as nu-

vens carregadas de electricidade, formam a tormenta e quando a faísca fulminante deve saltar, oh ceus! todos nós verificamos que a sua potência não é superior à do clarão de um fósforo aceso, de um mísero fósforo amórfio da Companhia Portuguesa.

Quanta desilusão então!... o estôfo do chefe não cobria mais que um boneco articulado. Agora vê-se bem o engonço; uma caixa de sabão vazia servindo de cabeça, duas vassouras servindo de braços, outras duas servindo de pernas, como cérebro um seixo e como plano estratégico uma folha de couve... Mas ao longe outra voz forte resôa, o conservador espera de novo, êste agora é que é o verdadeiro chefe, o *mexias*, e o bom burguês trême de gôso ao ouvi-lo. A Pátria está de novo salva de graça e com a Pátria, as carteiras, as vinhas e as hortas.

Que delícia o viver em Portugal!

O bom português ainda não compreendeu que, dentro da república, qualquer que seja a tentativa de regeneração, nada resulta do que ele espéra. porque a república é *isso* que para aí está a apodrecer, apodrecendo a Pátria e, que desde 1910 até hoje, já esgotamos todas as experiências possíveis para a modificar. Já homens como Pimenta de Castro e Sidónio Pais tentaram uma república autoritária e forte e a balança, oscilando um pouco, logo voltou á posição primitiva e com um dispêndio formidável de energias inúteis e de sacrificios baldados. Já a sociedade em comandita, com a firma Costas, Simões e Godinhos, governou o país á maneira radical de Combes e Waldeck — Rousseau. Já Antonio Granjo, o coronel Batista e últimamente Antonio Maria da Silva tentaram uma república pseudo-conservadora á Poincaré e Millerand e os resultados destas experiências, todos nós os conhecemos. Já tivemos uma amostra do Terror, onde foram assassinados alguns fundadores da república, já tivemos uma república militarista com o Liberto e já o semi-bolchevista Domingos dos Santos — Kerenski de trazer por casa — procurou espingardear tudo, matando em cada homem o que ele tem de explorador, para deixar em paz o explorado. Não demorará muito que não experimentemos a república social, a pura, a que ha-de pôr isto na maior pelintrice e que ha-de atormentar até á loucura os burgueses que salvam a Pátria tomando chá com a família, ou então levantando barricadas fumegantes nas diferentes farmácias e centros do cavaco dêste ditoso país.

E' preciso, antes de mais nada, que todo o português se convença desta verdade irrefuctável, verificada em todos os factos que se têm succedido nestes últimos 15 anos de que a república foi, é, e será sempre, num determinado momento, pior que no momento anterior. Nós, em 15 anos de república, num perfeito laboratório de misturas heterogêneas, vivemos séculos, derruindo a obra de séculos. Hoje, sômos um povo de pedintes' de miseráveis, de sensuais e de covardes, um povo de opereta, como lá fora nos consideram. A revista chula saíu dos teatros da Avenida para a nossa vida nacional!

Recitando estrofes de grandesas passadas, recordando pratas gloriosas, vivendo télas imortais de varões ínclitos, povo de artistas e de

ousados, tiritamos hoje de frio numa miséria nacional carregada de imundices e, envergonhados, pedimos esmola aos pobres de outróra.

E, em cada figura de opereta que nos aparece, julgamos ver, pela aberração da nossa imaginação, um D Afonso, talhando e alargando a terra com a espada, ou um Infante D. Enrique fazendo uma obra de arte geográfica para alargar o Mundo e a Fé, ou então um D. João II, forte e autoritário, vivendo para a grei e morrendo com a visão da grei engrandecida pela India distante e pelo mundo novo que ele ajudou a descobrir.

*
* *
*

Muitos tem sido os messias que nos tem aparecido do solo como os escalrochos e muito longo seria o artigo que se referisse a todos.

Há messias de todos os géneros e para todos os feitios. Messias conservadores, messias republicanos e messias radicais, cada grupo tem o seu e cada simulacro de ideia tambem tem o seu. Uns são fardados, generais e oficiais do exereito e da armada, outros são paisanos do continente ou ilhas, simples particulares que compram pacatamente o *Diário de Lisboa* á tardinha e usam chapéu e casaco como todos nós.

Eu quero porêem, entre todos, focar dois dos maiores messias que têm aparecido nos ultimos anos: Filomeno da Câmara e Cunha Leal O comandante Cabeçadas tambem foi uma estrela de primeira grandeza no firmamento messiânico, mas o caso Cabeçadas é semelhante ao de Filomeno da Câmara e por isso não vale a pena trata-lo á parte. O que se diz de um póde dizer-se de outro, com uma diferença de datas e de nomes.

Filomeno da Câmara diz, pela primeira vez, cousas lindas sobre nacionalismo e expõe os remédios que nos curariam do mal politico, numa entrevista publicada em varios jornais e, é nela que o conservador descobre o novo messias. Um julgamento em que ele foi acusado de aliciador, tambem contribue para o moldar melhor á imaginação dos pesquisadores incansáveis de messias e aqui começa o seu martirio que actúa á maravilha sobre o elemento sensível do conservador. Os adeptos aumentam extraordinariamente e eis que surge o 18 de Abril — clarão de fósforo — revolução feita com forças tão numerosas, como nenhuma outra revolução republicana até hoje conseguiu arranjar. Filomeno teve com êle na jornada de 18 de abril todos os elementos conservadores do país. Ou não quiz vencer, por falta de decisão, no momento preciso, quando a ofensiva seria uma vitória certa e a defensiva, fôsse qual fôsse o pretexto romântico, seria uma derrota, ou foi vencido porque tinha que o ser em face de circunstâncias imprevistas, o que eu sei é que o bom conservador lacrimejando, acompanhou-o com o coração no julgamento célebre da sala do Risco, depois de o ter absolvido a opinião pública, tão grande era a obra que dele se esperava. Mas como na velha fábula, a montanha pariu mais

uma vez um rato—o conservador esperou fielmente a reedição de 18 de Abril, pois essa era a conclusão lógica a que o tinha levado a absolvição e glorificação de um homem que de facto se tinha revoltado contra um estado de cousas policiado, armado e parlamentado. Depois, Filomeno aparece como deputado, exclusivamente, do partido nacionalista, o homem que queria fazer a revolução acima dos partidos e contra os partidos, o homem que queria escorraçar do poder os políticos que desfaziam a Pátria martirizando-a, roubando-a e asfixiando-a. E mais tarde, o mesmo Filomeno da Câmara, envolvido nas miseráveis tricas políticas do partido de maior ordem da república, toma parte naquela zaragata vergonhosa do congresso nacionalista e aparece-nos na décima milionésima parte em que se divide a família republicana portuguesa arvorado em quasi-chefe de um grupo cujo programa político difere dos outros numa questão simples de alimentação.

Filomeno morreu como chefe e com ele desapareceu uma forte ilusão.

Vamos ao segundo messias. — Agora atormenta o solo e os ceus uma *maravilha fatal da nosa idade*. Um homem, que no dizer contundente de Homem Cristo, levará o país à gloria, como em qualquer tavolagem de má fama, o *ducho* em vez de *duce*, como lhe chamou com espirito um humorista numa das últimas jornadas comicieiras do *gigante*.

Que traz êle de novo? Que diz êle? Que remédio receita para nos livrar desta avariose politica? A sua pessoa, o seu mando, o seu querer e nada mais. Ideias para quê? Doutrinas para quê? Como póde ter ideias ou doutrinas a pessoa que teve uma evolução politica marcada por ambições, por amores — próprios mal reprimidos e por conflitos pessoais? De radical a pseudo-conservador, nem com a lupa mais forte, o mais habilidoso analista encontrará, nessa trajectória zig-zagueada, um conflito de ideias, ou uma marcha seguida em conformidade com um raciocínio claro e calmo que reagindo sobre os acontecimentos, prepare as diferentes etapas inteligentes. Não, nada mais que a marcha inconstante do vento ao sabor de forças desconhecidas... o tufão desabrido.

Na verdade, Cunha Leal não é um demagogo, pois o demagogo não é mais que o eco duma paixão da população que o segue e o aclama como o seu semelhante mais velho, que o excita e subjuga. O demagogo è um escravo. O demagogo sem a multidão ululante é um falido.

Cunha Leal, pelo contrário, é uma forte personalidade, mas uma personalidade levada em torrente por um individualismo baixo e animal. Cunha Leal é um arrebatado sem o predomínio da intelligência. Ele mesmo o diz, nesta frase reveladora, proferida num discurso no Porto: «Tenho um papel a desempenhar na vida portuguesa. Qual será o meu papel.» De redentor ou de perturbador? Ele mesmo nem sabe o que será, nem onde o levará o seu individualismo desenfreado.

E é isto que quer salvar a Pátria e com ela a república, como se

fosse possível, repito, salvar uma sem afundar a outra, tão forte é a lógica dos factos que são causados por duas metafísicas diferentes e irreductíveis.

Mas tristemente há gente que espera... o *ducho* como um meteóro atravessa o país e o burguês de novo se baba de goso, o incomensurável asno, sempre vigarisado e sempre confiante...

Após a próxima falência de Cunha Leal, muitos outros messias aparecerão a conquistar os bons aplausos dos que esperam ainda um milagre dentro desta república e, o bom conservador continuará sonhando até ao dia da catástrofe. Mas, nesse dia tremendo acordará na Praça Pública, sem casa nem carteira, roubado e espancado, escarnecido e desonrado.

Então, talvez o bom conservador, compreenda amargamente esta dura verdade: que, quem espera a salvação da sociedade dum mito, sem preparar esta salvação por suas próprias mãos, organisando-se com um esforço contínuo e persistente dentro de uma doutrina, é como o soldado que em tempo de guerra adormece na trincheira e entrega a guarda desta às estrelas distantes...

JOSÉ LUÍS DA SILVA DIAS.

O QUE É A DEMOCRACIA

Segundo Aristóteles : *o regime em que a multidão erigida em tirano se deixa dominar por alguns declamadores. A definição é eternamente verdadeira, mas talvez mais frisante e sem dúvida mais pitoresca, é a daquele ironista estudante de Coimbra, num acto de direito politico : — é a forma de governo implantada pelos revolucionários civis, entendendo-se por revolucionário civil todo o patife e todo o malandro que arrisca a pele das costas para alargar a pele da barriga.*

Cristãos e Portugueses

QUEM NÃO ESTA COMIGO ESTÁ CONTRA MIM
(PALAVRAS DE JESUS)

É tal o desasscêgo em que vivemos e tão desastrada a confusão de ideias que se nota em todos os campos susceptíveis de as ter, que é preciso trazer a consciência resguardada por uma forte defeza que não dê azo a hesitações, para sairmos sãos e salvos desta Babel que sôbre a politica portuguesa, a vaidade e a ignorância, vão pouco a pouco construindo, e procedemos com a firmeza e intransigência próprias dos que crêem e vivem na Verdade absoluta. E tão forte é a consciência da Verdade que possuímos, tal é a certeza com que a prégamos, que nem um momento nos é permitido vacilar em nos proclamarmos intransigentes desde o principio convencidos que só essa ideia nos pode salvar desta montanha de ignorâncias, má fé e cobardias morais, — ideia que sendo a Verdade não pode sofrer subtracções em pactos ou plataformas com outras ideias que nós reputamos inteiramente falsas.

Conservamos bem viva ainda aquela frase de Jesus Cristo: «quem não está comigo está contra mim». E será esta frase que nos servirá de lema para, unidos a Deus, podermos defender, sem limitações, a Verdade sobrenatural revelada pelo próprio Deus e por isso mesma a única que ilumina as almas. Nesta frase tão simples vive toda a intransigência da Verdade Cristã. Antes, porém, de entrarmos no combate e nele ocuparmos o lugar do apostolado que julgamos Deus nos destinou para o defendermos,

conscios da sua realidade, procuramos vive-la em toda a sua grandeza.

A conselho do nosso mestre António Sardinha não nos esquecemos de principiar pelo Verbo «acendendo a lampada do estudo e invocando a Jesus Pai dos Séculos e Pastor das Nações». Como de Santo Inácio de Loiola, o ousado cavaleiro que atrás de si tem levado os homens de mais acendrado amor a Deus e à Pátria, soltar-se-á da nossa alma um alvoroço franco a pedir reforma e a levar a revolução a todos para que se faça a *Paz de Cristo no reino de Cristo*. Mas primeiro faremos revolução em nós, reformando-nos e fortalecendo-nos nesse inegalável escriptorio de verdade que o Evangelho nos legou, «corrigindo a fatalidade um mal que nos convida a cada momento a escutar a solicitação da nossa indole superior e elevando-nos a êsse tipo excelso da humanidade que o Cristianismo gravou nas nossas almas» (1).

Só assim viveremos em absoluta paz de consciência no apostolado bendito a que nos entregamos, só assim, começando por educar a nossa inteligência na verdade de Deus poderemos vencer esta anarquia intelectual que vai vitimando as sociedades de hoje; só assim estaremos sempre a postos contra os ataques dos incrédulos e dos ignorantes que no lodaçal das torpezas buscam o goso da vida; só assim, *professando a vida da Igreja*, aos olhos de ninguém a nossa vida pode parecer uma espécie de apostasia ou desprezo da obra de Redenção, só assim principiado pelo Verbo poderemos fazer chegar às almas sedentas da Paz, Jesus — Príncipe da Paz, «Pai dos Séculos e Pastor das Nações».

Na doutrina cristã que hoje tem a mais segura explicação e desenvolvimento no pensamento escolástico está contida e a ela absolutamente subordinada a nossa doutrina nacionalista. Teremos por isso a certeza que todos aqueles que procuram, informados pelos mesmos princi-

(1) — António Sardinha — *Ao principio era o Verbo*, pag. 303

pios cristãos, servir a Deus, connosco estão unidos pelo mesmo espirito universal do cristianismo e que os nossos principios nacionalistas por eles não podem ser denunciados de falsos. A doutrina nacionalista que defendemos está de tal forma ligada à primeira que, quando lutamos por uma, lutamos também pela outra. «Quem não está comigo está contra mim» dizia Jesus Cristo para mostrar que só os que defendessem absolutamente a doutrina que ensinava, seriam seus discipulos e Filhos de Deus, mas ao dirigir-se aos Apóstolos quando um deles lhe dizia: «Mestre, vimos um que expelia os demónios em teu nome o qual não nos segue e lho proibimos», respondeu Jesus: «Não lho proibais porque não há nenhum que faça milagre *em meu nome* e logo possa dizer mal de mim. *Porque quem não é contra nós é por nós.* E qualquer que vos dê a beber um copo de água *em meu nome* em atenção a que sois de Cristo, em verdade vos digo, não perderá a sua recompensa». ⁽¹⁾ Pelos legitimos representantes de Deus trabalharemos sempre dentro da doutrina que ensinam. As scições e a indisciplina no nosso campo são conhecidas só por aqueles que não sabem o que é autoridade nem obediência e consequentemente desconhecem as regras da disciplina.

Quando os nossos detractores se esconderem na irresponsabilidade e no anonimato, ou não nos merecem o respeito que se deve a homens de bem, ou quando já desesperados na prisão em que satanicamente teimam em permanecer se servirem em último recurso da mentira e da insinuação para nos ferirem no combate, nós deixal-os-emos falar lamentando-os compadecidos. A insinuação e a intriga sujam a água quando passa e só nela se deleita quem gostar de beber água suja.

Mas não julguem que temos esquecida a caridade cristã. Santo Agostinho deixou-nos dois conselhos que retemos na memória e procuramos seguir: «Paz aos homens,

(1) S. Marcos, 37-40

gurra aos êrros», e explica logo o outro «quando tu julgas odiar o teu inimigo é teu irmão que odeias e tu ignoras». Lembrando-os sempre não podemos cair no infortúnio de criar iuimizades com os nossos melhores amigos. Não queremos também que mais tarde nos acusem de mudarmos de ideias ou de nos utilizarmos de diferentes armas de combate conforme as pessoas a que nos dirigimos. Para nós que lutamos pela Verdade, que é o Pai, o Verbo e o Espirito só há um inimigo: a mentira com a sua trilogia diabólica — o oiro a carne e o poder. Usando de caridade para com os homens e combatendo os êrros abandonaremos o campo ao inimigo quando terçar as armas desleais a que acima nos referimos. Êsses que assim procedem serão os novos mouros e judeus da nossa terra que só procuram satisfazer o seu interesse próprio e o capricho dos seus instintos ferozes.

Como cristãos e portugueses entramos na «hoste da reconquista» para restituir a Portugal a forma do verdadeiro estado e do legitimo poder. Tal como está é um corpo sem alma, cadáver quasi desfeito em podridão. Limpos das responsabilidades dos ignóbeis farçantes que arrastaram Portugal a êste estado comatoso, podemos lançar com mais força o grito de guerra, que mais longe será ouvido o nosso alarme e mais coragem e fé a todos levaremos.

Definida assim esta atitude, estremados os campos, melhor podem verificar quem somos, com quem estamos e quem estará contra nós. Resta simplesmente crêr, e crêr com inabalável fé no «Verbo donde tudo procede que está no principio e que fala dentro de nós para sofrermos de boa mente todos os sacrifícios e esperarmos mais tarde a recompensa de Deus». ⁽¹⁾

ALBANO PEREIRA DIAS DE MAGALHÃES

⁽¹⁾ *Imit. de Cristo*, L. I, Cap. III.

Pensamentos, palavras & obras

Um poeta cristão

(«Amor de Deus e da Terra», por Nuno de Montemór)

Pobres como Job e como êle conformados são os portugueses em matéria de pensamento religioso. E se hoje começamos a voltar aos antigos tempos e a enriquecer a nossa fé com o labor seguro das nossas inteligências e com os tesoiros da nossa emoção, fazêmo-lo lenta e penosamente, desbravando um campo que está cheio das ervas daninhas semeadas pelo romantismo e alimentadas por quantas preversões a nossa mentalidade tem sofrido de há uns séculos para cá.

Pobre é a nossa poesia religiosa: o século passado deixou-nos grandes frases e abundância de acentos tónicos, alexandrinos em barda e duas ou três excepções; hoje, a tendência nas camadas novas é para a redondilha maior e para o diminutivo. Há a preocupação da simplicidade — mas ai de nós quando a simplicidade é affectada! — e há uma terrível e deletéria influência do Sr. Teixeira de Pascoais. Os versos que vulgarmente são publicados pelos moços poetas católicos são, na maior parte das vezes, forçadas acomodações de certos exercicios espirituais duns livros de piedade aguada, donde resulta uma adaptação ao divino do género da Sr.^a Virginia Vitorino. Poderíamos documentar.

Impõe-se uma renovação nêsse campo, introduzindo na poesia cristã a força que ela deve ter, o sentimento forte que ela deve possuir. Uma poesia que louve a Deus com

grandeza e que fale da criação com dignidade. Enfim, uma poesia inspirada na oração da Igreja e na própria palavra de Deus.

Mestre ainda dessa renovação, António Sardinha aparece-nos como o mais interessante de todos os poetas católicos portugueses. Os seus versos são repassados dum cristianíssimo sentimento e entre todos os seus poemas há um singularmente belo, maravilha de pensamento e de forma onde a carne pecaminosa nos aparece redimida no martirio de S. Sebastião :

*E porque tudo se reúne e enlaça
Em ti, ó Cristo-Rei, que tudo podes,
Sebastião confessa a Lei da Graça
Sobre o loureiro clássico das odes.*

A beleza antiga, a beleza pagã, forma morta, sem espírito, cede o lugar à beleza espiritual :

*E enquanto ao longe os funerais de Adonis
Se vão perdendo p'los atalhos nús,
Agora, na campina côr do ónyx,
Abre os seus braços o Sinal da Cruz.*

O «Poema da Carne Nua» que o leitor conheceu já, só é igualado em beleza por certos versos de Claudel como aquêles, tão estranhos, que são consagrados à morte de S. Bartolomeu :

*...On l'a tiré de son fourreau comme un sabre, et l'on a mis au vent,
L'Ange ensanglanté du Seigneur et l'homme rouge qui était par dedans.
Marche maintenant, on ne te retient pas ! Fais trois pas colonne de Dieu !
Rien n'a plus prise sur toi. Tu n'a plus de surface ni de cheveux.
Apôtre vraiment nu ! Athlète vraiment dépouillé !*

Como os nossos poetas principiantes, como a maioria dos poetas católicos portugueses estão longe desta poesia verdadeiramente cristã, da poesia arrebatada e majestosa da Biblia de que a Igreja se serve para celebrar a nova Aliança !

Plasticisadas nessa lingua maravilhosa que é o hebreu que Herder definiu «um torvelinho de verbos onde a acção impele a acção como a vaga impele a vaga», as coisas animam-se, tomam vida para louvarem ao Senhor num côro unísono com o homem:

*Que os céus se alegrem
Que a terra estremeça de contentamento
Que o mar se agite com tudo o que encerra
Que os campos saltem com o que contêm
Que as árvores da floresta soltem gritos de alegria
A' vista de Jehovah... (1)*

E' pronunciando tais louvores que nós reconhecemos a infinita grandeza de Deus e que a nossa alma se eleva até ao Seio do Senhor. Em verdade, o conde de Maistre foi genial mais uma vez ao dizer dos Salmos de David que êles «participam da eternidade».

*

O *paralelismo* foi a forma escolhida pelos salmistas, forma apropriada ao caracter lento e meditativo dos povos orientais. Depois que as suas leis foram descobertas no século XVIII por Lowth estamos de posse dos seus segredos e podemos integralmente gozar a sua beleza.

Consistindo numa repetição, na volta do pensamento sobre si mesmo numa cadência comparável à de um balanço, foi essa forma que nos transmitiu a preciosidade dos salmos, ora repetindo nas frases paralelas a mesma ideia expressa por sinónimos, ora colocando sob os nossos olhos antíteses em que a ideia, acção ou sentimento do primeiro membro é posta em relêvo pelo contraste formado pela ideia, sentimento ou acção opostos do segundo, ora com-

(1) Salmo 96 (vulgata 95) tradução da tradução francesa sobre o texto hebraico por M. d'Eyragues.

pletando no segundo membro o pensamento do primeiro. Esta a forma que, julgamos que pela primeira vez em Portugal, foi escolhida por Nuno de Montemór para os seus poemas, embora se tenha libertado das particularidades notadas pelos comentadores hebraicos.

Porque adoptou o poeta essa forma desusada? E' êle mesmo que nos explica o seu procedimento: «preferi sempre a harmonia dos pensamentos e das emoções, à harmonia dos acentos e das rimas, e o paralelismo é por essência, harmonia dos pensamentos e das emoções. Dentro do paralelismo fica ao poeta uma maior liberdade de expressão e a possibilidade de harmonia amplifica-se».

Da maneira como Nuno de Montemór conseguiu realizar o seu *desideratum* já os leitores estão scientes pelo salmo que no nosso primeiro número lhes foi dado lêr. Nuno de Montemór conseguiu verter nêsses moldes novos a riqueza da sua sensibilidade que não é desordenada e o tesouro da sua intelligência; resultou uma poesia equilibrada, duma beleza singular, dum lirismo que não é paixão, duma simplicidade amiga — uma poesia cheia de humanismo que é portuguesa e cristã.

*

No *La Fontaine et ses fables* refere Taine a lenda sobre a origem da poesia.

Caíu aos pés dum poeta indiano uma pomba agonizante: comoveu-se o poeta e o seu coração ao soluçar bateu na mesma cadência em que palpitava o peito branco da criatura que morria. Desta angústia ritmada nasceu o verso.

A verdade que esta lenda encerra só a poderêmos descobrir depois de termos meditado na tortura sofrida pelos povos antes da Redenção ao ouvirem a voz de Deus velada pelo espesso véu de pecado que o separava dos homens. Mas hoje, «ao rito antigo sucedeu o novo, a verdade expulsou a sombra das figuras, a luz dissipou a noite» ⁽¹⁾

⁽¹⁾ *Vetustatem novitas, umbram fugat veritas, noctem lux eliminat*
(Do hino *Lauda Sion Salvatorem*).

As idades antigas tateavam inquietas procurando a verdade na «sombra das figuras». Aquela pomba é a imagem de Cristo que vem morrer por nós. E é o palpitar cadenciado do nosso coração unido pela Caridade a Deus só — é a comunhão no seu sofrimento, é a participação nos seus triunfos, é o descobrimento das belezas da Sua Criação e da Sua Redenção que constitui a poesia. O poeta, aquêle que assim pode sêr chamado, é um iluminado de Deus, cheio de graça. Ai dêle se nega a procedênciada luz que o ilumina — ai dêle se não emprega bem os talentos que Deus lhe dispensou!

Nuno de Montemór é um poeta. Não se confunde na turba dos que usurpam êsse nome sublime, mas pode dizer para justificar os seus louvores a Deus as palavras de Santo Agostinho «*fizestes-nos para Vós e o nosso coração está inquieto enquanto em Vós não repousar!*»

MARCELLO CAETANO

A Falência do Senhor dos Passos

A algumas pessoas scandalizou o artigo que aqui publiquei com êste título: pessoas que arderam em santa indignação mal leram o título e que tiveram mêdo de se preverter e de tornar seus olhos pecaminosos percorrendo as linhas que se seguiam.

Longe de mim estava a intenção de ofender alguêm: estou convencido de que escrevi a verdade e não tenho uma palavra a retirar nêsse artigo, antes muitas a acrescentar. E' necessário que se digam de alto certas coisas que todos dizem baixinho por causa... das *conveniências*. Quando se trata, porêem, da maior glória de Deus e dum defeito de mentalidade de certos católicos portugueses, não sei nem quero saber o que são as *conveniências*. Creio que o que convêm é mudar de rumo, professando condignamente, de forma a impô-la ao respeito e ao amôr de todos os que são contra nós — e quantas vêses por nossa causa são contra as nossas ideias! — a religião que Cristo instituiu com a nova aliança selada na Cruz.

Não se assustem as boas almas! Nada perderá a sua devoção com um pouco mais de espiritualidade no culto, com a observância cuidadosa do culto oficial da Igreja, com um pouco de comedimento nas paixões pela Santa Teresa do Menino Jesus, alma forte transformada em boneca articulada por culpa das pessoas que, perdidas no meio dos adjectivos, se esqueceram de que a *Teresinha* escreveu a

condenação de tudo o que em volta dela se tem feito: *Mon Dieu, je choisis tout. Je ne veux pas être sainte à moitié!*

*

E agora, para os que me julgaram injusto ou por demais violento, transcrevo do jornal de modas «Eva» de 13 de Março p. p. esta noticia que antecede outra sobre uma *poule* na sociedade hipica :

«Semana Elegante»

Tempo de Quaresma! — tempo de retiro espiritual, de sacrificio para o corpo que, na expiação de pecados que não cometeu mas de que saboreou uma boa parte, está sofrendo a grande penitência de constantes e continuados jejuns, que lhe veem alquebrar, ainda mais, as forças consumidas no delirio do prazer, durante a proxima passada época carnavalesca.

...Mas, como não há delirio que não tenha termo, o socego veio naturalmente proporcionar uma doce calmaria aos espiritos estontecidos pelo voraz ambiente dos inumeros divertimentos que o excitaram; e, agora, num repouso de beatitude, esses espiritos gozam os prazeres da solidão, refrigerando-se nas orações sagradas e revivendo nesse suave isolamento as recordações dos momentos em que a alegria, inundando-os, lhes produziu sensações de perdurável sabor.

E como nesta religiosa quadra ha tambem encantamento para todas as almas obedientes aos preceitos da Santa Madre Igreja Católica, a nossa sociedade elegante não deixou de comungar num desses doces refrigerios e foi assistir à tradicional procissão do Senhor dos Passos que, com grande magnificência, se realisou na passada sexta-feira adentro do vetusto templo da Graça.

...E constricta dos pecados que sentia pezarem-lhe na consciência, ajoelhou reverente ante o altar onde se acha a venerável imagem do Redemptor; suplicando-lhe, certamente, a desejada absolvição para os desmandos em que, possivelmente, tenha incorrido, impelida pela vertigem dos prazeres...

Delicioso quadro êsse que pudemos observar naquela sagrada casa de Deus, onde as boas almas foram submeter ao julgamento supremo o que pensavam ter praticado de menos digno aos olhos do Criador! — Porque, o que com sciencia fizeram, só será submetido ao Tribunal da Divina Providência se.. os resultados foram contrários à expectativa. Assim conhecem-se os penitentes pela insistência com que eles-proprios se accusam, pronunciando quasi como automatados, o *mea culpa, mea culpa, mea grande culpa..*, *Sursum corda.*

A procissão dos Passos, na Graça, atraiu êste ano àquêle formoso templo um enorme aglomerado de fieis, sobresaindo o elemento feminino pela distinção nos seus arrebatamentos, no seu irrepreensivel porte e, ainda, na compostura das *toilettes*, a que uma discreta elegância punha uma nota de natural destaque.

...E ao vêr-se a negrura envolvendo airoosamente os delicados corpitos que há pouco tanto se requebraram nas dengosas curvaturas dos tangos, nós filosofamos sobre a influência da côr dos vestidos femininos nos destinos da humanidade.

E' bem certo que a côr preta, impondo respeito próprio, impõe-se tambem ao respeito alheio, porque traduz, na sua expressiva negrura, um estado de alma lutuoso, de forçada tristeza ou de preciso recolhimento.

E nestas circunstancias as almas não se comuicam — vivem sós, de si-mesmas, e para si-mesmas.

Portanto, nesta quadra, ao cronista mundano só é permitido divagar sôbre as suas recordações, ou pô-las em ordem para as divulgar na oportunidade, se as occasões se proporcionarem.

M. C.

O desporto — «Maravilha fatal da nossa idade»

O que para aí se estadeia em matéria de *educação física e desporto* — há mister proclama-lo sem receio de afrontar a chamada *opinião pública* — é simplesmente monstruoso. Desprezam os rapazes de hoje, na sua grande maioria, as mais instantes preocupações morais e intellectuais para se entregarem de alma e coração, queimados os seus ocios e o melhor das suas energias, à pratica dos mais violentos desportos que o mal avisado espirito saxónico se tem lembrado de parturir — e à frente de todos eles o negregado *foot-ball*.

O desvairamento chega a ponto de nem sequer pela Semana Santa, em dias que deviam ser sagrados para quem possui sentimentos cristãos e piedosos, o endemoninhado desporto conceder umas momentâneas tréguas aos seus fanáticos sequases; precisamente em Quinta-feira Santa e Sexta-feira de Paixão o delirio atingia o auge com a realisação de dois encontros importantes entre grupos estrangeiros e nacionais! Numa época de decadência manifesta como aquela que atravessamos, que outros fructos haverá a esperar que se não traduzam em materialidade, futilidade, e indiferença por aquilo que em mais alto grau devia interessar toda a creatura humana?!

A epidemia dos desportos, todos nós o sabemos, tem alastrado por todas as nações, campeando infrenemente em algumas delas; mas, nem por a onda ser avassaladora, ou justamente por que o é, se segue que devamos curvar a cerviz, calando o nosso enérgico protesto, em holocausto à insensatez da maioria e ao culto pagão da força, apanagio, no capitulo educação, dos malfadados tempos que vão correndo. Perdeu-se, positivamente, a noção do bom senso, e do simples senso comum, cada vês tendo melhor cabimento o dito daquele filósofo que entendia ser o senso comum ...a coisa menos comum que existe!

«O *foot-ball* — dizia-nos há tempo um distintissimo médico gymnasta nosso amigo — é o mais nefasto jogo de quantos se tem popularizado ultimamente no nosso país. A maior parte dos rapases que hoje se apresenta nos consultórios médicos para tratar de doenças pulmonares — quantas vezes já irremediavelmente perdidos! — arruinou-se cultivando apaixonadamente tão pernicioso desporto.»

Berra-se para aí, em todos os tons, com uma insensatez que faz dó, que os rapazes estudantes não podem, assoberbados de trabalho, satisfazer as exigências dos programas, correndo as modernas gerações o sério risco de atrofiarem o corpo e o espirito, ou de nada aprenderem, urgindo que se acuda com eficaz remédio a *tão grande mal*... Ora permita Deus que o desaforo dos desportos — com o *foot-ball* à cabeça do rol — não produza efeitos bem mais desastrosos para a nossa raça, quer sob o ponto de vista físico, quer sob o ponto de vista intellectual!

RIBEIRO da SILVA

Uma vergonha nacional

Pouco viverá, decerto, quem não assistir dentro em breve a eclosão de mais um formidável escândalo: o da renovação do contracto à Companhia do Niassa. Tudo se prepara para isso; os interesses desta confiados às mãos de uma creatura habituada a triunfar, seja por que meios fôr, em todas as empresas em que se mete; os interesses do Estado entregues à ineptia e à prodigalidade da gente que nos desgoverna; e a criminosa apatia daquelas pessoas e entidades a quem tal assunto devia sobremaneira interessar.

Excepções honrosas a citar; a do sr. dr. Vasconcelos e Sá, que no Conselho Colonial tem desenvolvido uma tenaz opposição ao pedido de prorrogação do contracto, rebatendo o parecer favoravel do sr. almirante Ernesto de Vasconcelos (espantoso este sr. almirante!); a do Grémio dos Combatentes pela República (em alguma coisa, louvado Deus, nos havíamos de encontrar!) e alguns, poucos, deputados e senadores.

Que tem feito, até hoje, a Companhia do Niassa? Causa alguma merecedora já não digo de encomios, mas de simples registo. O estado de atraso dos seus territórios atesta bem a verdade desta afirmação: nem vias de comunicação, nem escolas, nem missões religiosas portuguezas, nem iniciativas de qualquer especie que demonstrem da parte da Companhia o empenho de promover o desenvolvimento económico e o bem estar social nos seus territórios. Quem estas linhas escreve já calcurriou hervas do Niassa, conhece *de visu* as misérias da sua administração e teve ocasião de observar o que toda a gente que não anda de olhos vendados ou de má fé tem observado também: a actividade da Companhia a pouco mais se estende do que à cobrança do imposto de palhota e das receitas alfandegárias.

O Estado é, bem o sabemos todos, um péssimo administrador; pois para administrar aqueles magnificos territórios tão mal como teem sido administrados — ousamos afirma-lo — mais valeria administra-los o proprio estado!

O governo que tiver a coragem de rescindir o contracto à Companhia do Niassa, praticará, estamos certos, a par de um acto de moralidade, um acto de boa administração colonial merecedor dos aplausos de todos os portuguezes conscientes. Haverá governo capaz de tal?

RIBEIRO da SILVA

Os «Depositários do tesouro dos pobres»

«*Depositários do tesouro dos pobres*» chamava S. Tomás aos possuidores da riqueza. Nesta frase está condensado todo o pensamento cristão sobre a função social do proprietário: êle deve ser um bom administrador dos bens que lhe foram confiados -- a propriedade é um

feudo de Deus, diz ainda o doutor angélico — e como tal, deve cumprir integralmente os devêres inerentes à dignidade recebida. Tais deveres enunciou-os com singular clareza S. Santidade Leão XIII na imortal encíclica «*De Rerum Novarum*»: «Quanto aos ricos e aos patrões, devem no operário respeitar a dignidade do homem sobrelevada pela do cristão». E, formulado assim o principio basilar, segue-se a discriminação dos vários devêres entre os quais se encontra êste: «O cristianismo, além disso, prescreve que se atenda aos interesses espirituais do operário e ao bem da sua alma. Aos patrões incumbe velar para que se dê a isto plena satisfação; que o operário não se entregue à seducção e às sollicitações corruptoras; que nada venha a enfraquecer nêle o espirito de familia...»

Vem isto a propósito do procedimento de alguns industriais de Lisboa que fecharam as suas fábricas nos três dias solenes da Semana Santa sem que os pagassem aos operários que assim ficaram reduzidos a metade da fêria habitual. Triste comemoração pascal teria sido a dêstes lares em que a injúria, o desespero por assim ficarem mingua dos os magros porventos, substituíram os louvores a Deus pela sua misericórdia infinita! ¿ Quem dirá a êsses patrões: *Sabes que o jornal que roubastes aos trabalhadores, clama; e que o seu clamor subiu até aos ouvidos do Senhor dos Exercitos?* (Jac. V. 4) — M. C.

Teatro religioso

A pobrêsa do teatro português é hoje uma verdade sabida — e ai de nós! — raramente desmentida com razão! Em teatro religioso é melhor não falarmos sequer: o que dá dinheiro e faz *sucesso* são os adultérios que as companhias reclamadas para representarem *para familias*, põem todos os dias em scena.

Chega a Semana Santa. porê, e ha sempre uma empreza que exhibe no seu cartaz uma peça de nome devoto, versando assunto biblico — «O Mártir do Calvário», «O Mártir do Golgotha» — escrita sem unção nem arte e representada como qualquer *vaudeville*. Nós não podemos protestar. Na verdade, que lhes propomos para substituir essas peças que nos não agradam e que são quasi — blasfemas?

Impõe-se que um arrojado tente o teatro religioso. Já que em Portugal não se consegue preceder, não haverá ao menos quem siga o exemplo de Henri Ghéon?

O anti-fascismo do Sr. Proença

O Sr. Raúl Proença, a quem no outro dia aqui tributamos uma pequena mas decidida homenagem pelo seu bom-senso a propósito duma destas comédias politico-sociais em voga, chamadas «pendências de honra», anda nas páginas da «Seara Nova» muito assanhado contra o fascismo. Não lho temos levado a mal por muitos motivos e pri-

meiro que tudo porque não sendo «camisas negras» não é das nossas funções contradizê-lo ou dar-lhe uma purga de óleo de ricino. Mas o bom senso atrás referido perde-se de todo num lamentável artigo do numero da mesma revista de 27 de Março em que o Sr. Raúl Proença dá indícios duma verdadeira fobia pelo sistema politico que restituiu à Itália a dignidade de nação. Chega a fazer sorrir a má vontade e a incoerência com que comenta os actos de Mussolini e a situação politica italiana actual. Um dos argumentos de que ultimamente lançou mão, foi de pespegar a caricatura do grande Duce do Fascio na capa da «Seara Nova» escrevendo por baixo o seguinte: «Mussolini, o Despota italiano que governa pela violência, a supressão de todas as liberdades, a flagelação e o óleo do ricino. O seu Império envergonha o mundo moderno. O seu rosto é um dos maiores argumentos contra o Fascismo.»

E se nós apresentássemos ao sr. Proença e aos seus consócios da mesma «Seara Nova» a sua cabeça de retiario romano como o maior argumento contra a dita «Seara» e os seus escriptos?

Descendemos do macaco?

Dizem sábios que sim dizem sábios que não. Pela nossa parte rejeitamos tão simpática e rápida ascendência. Mas já o mesmo não acontece a uma criança que na Invicta foi dada à luz no dia 1.º de Abril do ano da graça de 1926, parece que com o propósito de demonstrar triunfantemente a realidade atávica. Foi o fenómeno baptizado (credo! valha-me o Afonso Costa!) registado, quero dizer, com o interessante nome de «Acção Republicana». Como sinal do primitivismo a que nos referimos, o menino mama desesperadamente nas tetas arcaicas e ressequidas da «Declaração dos Direitos do Homem» e reclama em altos gritos, batendo na cara da rechonchuda ama «uma república nacionalista (!!!) de tendências progressivamente descentralizadores (!!!)...»

Ninguém recusará à criança um precoce talento para... o paradoxo!

Mas o que aos sábios interessa no caso é a tendência acentuadamente imitativa, que vem demonstrar a simiesca linhagem: o nome e os subtítulos tão manhosamente, como a um bom amigo da banana convém, adaptado da «Acção Realista». Até o tipo!

Chamamos para êste documento a atenção dos pre-historiadores, tão curioso êle é, nos selváticos grunhidos como nas reveladoras tendências de regresso ao tipo.

A não ser que tudo isto não passe de engano do 1.º de Abril... Que desgosto para os sábios, se assim fôr!

A. G. R.

EXPEDIENTE

Condições de assinatura

	6 números .	12 números
Continente e Ilhas.....	12\$50	24\$00
Colónias portuguesas.....	—	36\$00
Estrangeiro.....	—	40\$00

Número avulso: 2\$50

Para os assinantes da *Nação Portuguesa* e eclesiásticos, no Continente:

6 números: 10\$00 12 números: 20\$00

As assinaturas não pagas directamente à Administração sofrem um aumento de *um escudo*, para despesas de correio.

DEPOSITÁRIA NO PORTO:

Livraria Eduardo Tavares Martins, Suc., L.^{da}

Rua dos Clerigos, 12-14

Toda a correspondência relativa a assuntos de Administração deve ser dirigida para o

Largo do Directório, 8, 3.^o

LISBOA

